

# Choque ainda é tese acadêmica

BRASÍLIA — A possibilidade de novo choque na economia, com reajuste dos principais preços seguido de congelamento, já faz parte das conjecturas dos principais conselheiros do Governo na área acadêmica.

Recentemente, em reunião informal com o economista Francisco Lopes — um desses conselheiros —, concluiu: "É. Parece que vamos ter de conviver de choque em choque com essa inflação." Chico Lopes ficou calado e tem se limitado a ouvir propostas nesse sentido.

O debate, ainda futurista, não se limita à área acadêmica. Faz parte também das cogitações de técnicos do segundo escalão com grande influência sobre a cúpula do Governo. Esses funcionários evitam aprofundar o assunto e advertem que trata-se de situação que será sempre negada oficialmente.

Apesar disso, pode-se identificar um ingrediente que os especialistas acham indispensável à receita do novo choque: alongamento dos prazos da dívida pública. Uma constatação das autoridades econômicas é que, se o choque de junho previu o descongelamento, falhou ao não incluir um componente financeiro. E esse continua sendo um componente com grande potencial desestabilizador sobre a dívida.

A preocupação do Governo com a mudança de patamar que caracteriza o atual processo inflacionário é maior por duas razões: o desmoronamento da política salarial e o aumento do desemprego podem agravar um quadro de estagflação (inflação com recessão) já diagnosticado por alguns assessores governamentais.

O Ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, ordenou à sua assessoria que estude medidas que reativem o crescimento econômico, caso a situação pior nos próximos meses. As primeiras alternativas apontadas por esses estudos, porém, indicam que o problema não é localizado, mas sim consequência da política econômica.